

Começa corrida à

No páreo, o próprio Sarney indicando

POLITICA

presidência da Constituinte

nome de confiança. Ulysses estafado pode ficar de fora

A cinco meses e meio das eleições e a oito da instalação da Assembleia Nacional Constituinte, já se notam movimentações e articulações para escolha do nome que presidirá os seus trabalhos. O cargo merece o esforço, que vem sendo desenvolvido com tamanha antecipação: o presidente da Constituinte vai enfeixar nas mãos amplos poderes e poderá, de quebra, ser também o substituto eventual do Presidente da República.

O nome natural para a presidência da Constituinte é sabido de todos: o deputado Ulysses Guimarães, que hoje acumula as presidências da Câmara, do PMDB, e ainda da República, nos impedimentos do titular. Mas, se até agora ele era considerado imbatível no pleito, as coisas mudaram: sua debilidade física leva a crer que dificilmente estará credenciado para exercer um cargo dessa natureza.

A opinião unânime colhida nos últimos dias nos meios políticos é de que ele não está em condições de assumir tais atribuições que, ademais, poderão contribuir para agravar o processo de estafa que o acometeu. "Ele vai se reeleger com uma expressiva votação, mas fica nisso", antecipam alguns de seus companheiros da Câmara.

Diante disso, o campo fica aberto às pretensões diversas, inclusive às do próprio presidente José Sarney que, diante da iminência de discussões que afetarão seu próprio destino político — a duração de seu mandato estará em jogo —, não se furtará, em hipótese alguma, a interferir no processo. Já vem, inclusive, dando mostras que pretende influir, embora jamais venha a admitir isso.

Sarney vem, aos poucos, formando sua própria bancada no Congresso, cooptando políticos confiáveis à sua pessoa, de modo a garantir sua participação indireta na Constituinte. E ninguém garante que nessas articulações já não tenha acenado com uma proposta de apoio para a presidência da Constituinte.

AFINIDADE

Este seria o caso, segundo informam fontes parlamentares, do ex-governador José Richa, do Paraná, que há muito encontra-se bastante afinado com Sarney, afrontando, não raras vezes, posições fechadas do seu partido, o PMDB, para defender interesses do Presidente da República. Isto ficou muito claro durante a reforma ministerial de fevereiro, quando Ulysses tentava ampliar a participação do PMDB no Ministério e Richa declarava-se "muito satisfeito" com o que o partido tinha obtido.

Há ainda outro candidato que Sarney gostaria de ver presidindo a Constituinte: o ministro do Gabinete Civil, senador Marco Maciel. Ele dispõe ainda de quatro anos de mandato no Senado e poderia tranquilamente sair do seu gabinete no Palácio do Planalto, atravessar a rua e retomar sua cadeira no Congresso, como constituinte.

REAÇÃO

Mas Maciel defronta-se com pelo

menos dois problemas: primeiro, uma forte reação contra ele pode ser desencadeada por parte dos próprios constituintes e de setores da sociedade civil, que detectarão na manobra — nada sutil — um "comprometimento da soberania da Constituinte", conforme previsão do deputado Darcy Passos (PMDB/SP).

"Isso provocaria um sério arranhão na soberania da Constituinte que, aliás, já vem sendo questionada por entidades representativas da sociedade civil", alerta o parlamentar peemedebista.

Em segundo lugar, Maciel tem contra ele o fato de ter sido eleito em 1982, não possuindo, portanto, poderes constituintes originários. Ou seja: ele não teria a legitimidade necessária uma vez que não foi eleito especificamente para atuar na elaboração da nova Carta Magna. A questão da participação dos 23 senadores eleitos em 82 somente será definida pela Constituinte, quando da sua instalação em fevereiro, mas a tendência é pela sua manutenção. Mesmo assim, Maciel teria sua legitimidade contestada.

SEM RESPALDO

Fora da mira do Planalto, há apenas um franco candidato: o ex-ministro da Justiça, deputado Fernando Lyra (PMDB/PE), que quer retornar à Câmara de posse de um cacife eleitoral que lhe permita pleitear o cargo com certa tranquilidade. Cacife político ele tem para isso, dentro do Congresso — mas do Planalto, não tem nenhum respaldo, muito pelo contrário.

O deputado Airton Soares (PMDB/SP) é outro que começa discretamente a articular em torno do seu próprio nome para a presidência da Constituinte, embora veja outro cargo de importância fundamental no próximo ano: a liderança do PMDB. Inviabilizado um, tentará o outro.

Há uma opinião generalizada de que o presidente da Constituinte sairá dos quadros atuais. "Ele deve ter um profundo conhecimento do processo político partidário e legislativo, vida partidária anterior, além de uma capacidade de articulação muito aguçada", segundo Airton Soares. A prevalecer esta tese, estarão no páreo entre 30 e 40 por cento dos constituintes, uma vez que se prevê uma renovação do Congresso de 60 a 70 por cento. Assim, quem vai definir a eleição do presidente será, também, o grupo que conseguir ser reeleito. Os novos irão a reboque dos antigos.

SUBSTITUTO

Para substituir, eventualmente, o Presidente da República poderá ser indicado o presidente da Constituinte, ou não. Isto também será definido na instalação de seus trabalhos, uma vez que a emenda constitucional que convoca a Assembleia Nacional Constituinte não especifica a questão. Por isso, tanto poderá ser estabelecido que haverá uma Câmara e um Senado, como poderá simplesmente ser decidido que ao presidente da Constituinte caberá substituir o Presidente da República.